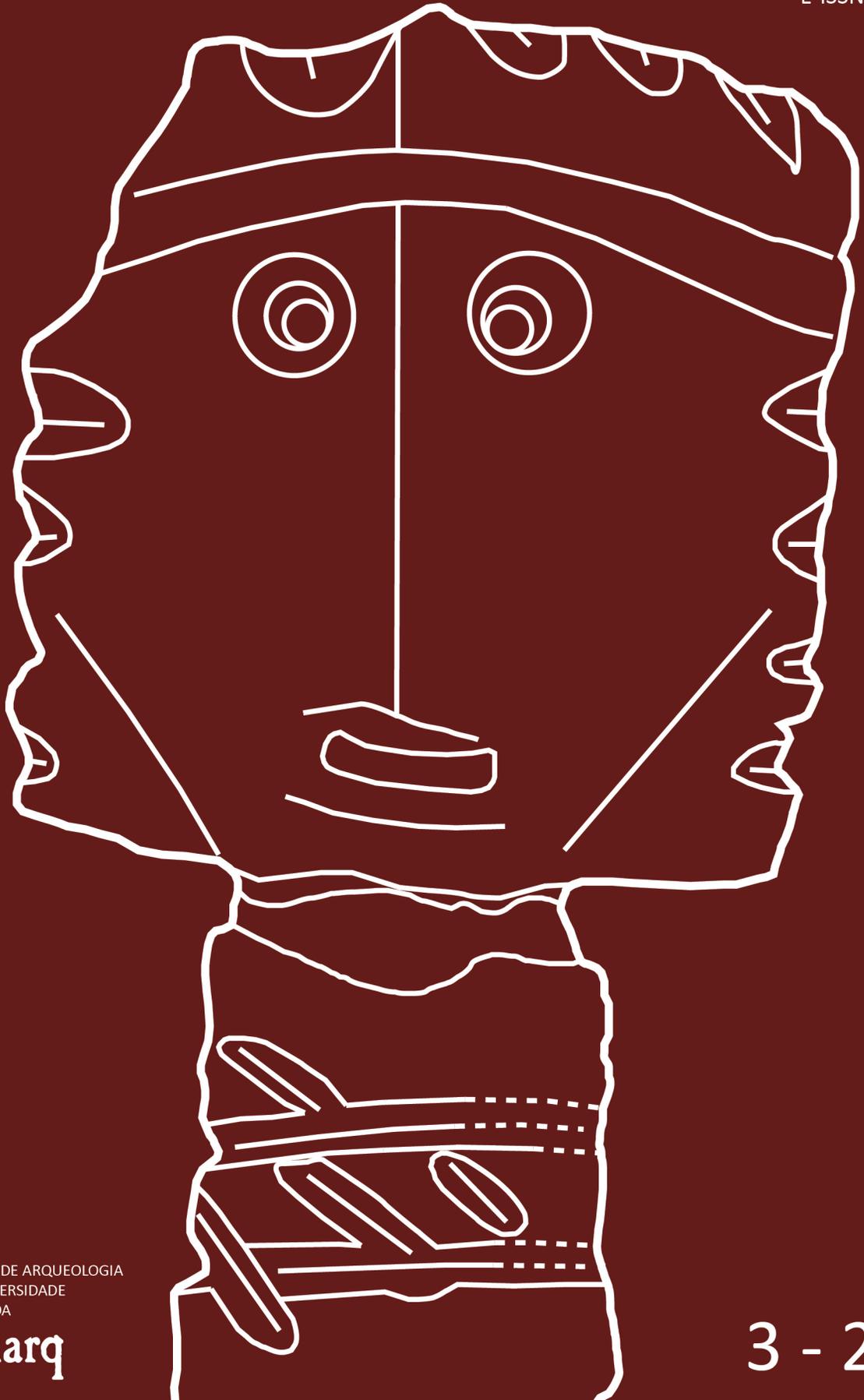


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211



OPHIUSSA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

APLAUDINDO HUMANEJOS. NOTAS DE LEITURA

GARRIDO-PENA, R. - FLORES FERNÁNDEZ, R. - HERRERO-CORRAL, A. M. (2019), LAS SEPULTURAS CAMPANIFORMES DE HUMANEJOS (PARLA, MADRID). MADRID: COMUNIDAD DE MADRID. 347 PP. [ISBN 978-84-451-3800-7].

VICTOR S. GONÇALVES *

"Mother, you said, "I ever never been in the House of the Silent. I couldn't." She nodded approval. "Of course not. The Silent doesn't speak by means of tokens, as the Raven does while in the egg, but it has its own ways of communicating. And,,, Well I won't say more. A long silence from the forest means nothing."

Ann Leckie, *The Raven Tower*, 2019, p. 357



Fig. 1 - Humanejos no Barranco do Farinheiro (Foto Victor S. Gonçalves).

Para quem estuda com atenção o problema Campaniforme, ele há boas surpresas e... boas surpresas (apesar das más, que são mais frequentes). Num certo sentido, quase tudo de bom começou verdadeiramente em 2011, com a publicação do arqueiro de Amesbury e dos *Boscomb bowmen* (*The Amesbury Archer and the Boscombe Bowmen. Bell Beaker burials at Boscombe Down, Amesbury, Wiltshire*, editado por A. P. Fitzpatrick, muito apropriadamente através da Boxbow books... ISBN: 9781874350620). A publicação de datações absolutas referentes a deposições de vasos campaniformes, e de um pacote de artefactos associados, junto a esqueletos humanos, veio clarificar, se não esclarecer, várias dúvidas que a possível chegada dos campaniformes ao reino (des)unido, e a sua difusão, sempre tinham levantado. E da importância de trabalhos em equipa, coisa que algumas mentes «brilhantes» muito arqueologicamente têm dificuldade em entender, quando lhes convém. Mas se deixarmos a grande ilha e nos voltarmos para a Ibéria... é melhor continuar pelo radiocarbono.

O grande problema das datações por radiocarbono para as deposições funerárias «campaniformes» raramente reside nelas próprias, datações. Ou aceitamos o método ou não. Meio termo aqui não há. O problema está nas más escavações ou na ausência do rigor que deveria sempre presidir à associação verdadeira de um ou mais artefactos com ossos humanos, ou, se tal não for possível, até mesmo com as estruturas em que eles foram depositados. O que é dizer, na maior parte dos casos, monumentos reutilizados durante muito tempo após a sua construção. Ou monumentos tornados artificialmente colectivos pela sua utilização repetida, às vezes durante um milénio ou mais (caso, entre outros, de Alapraia). E que, por isso mesmo, já não são, na totalidade da sua diacronia, necessariamente individuais ou destinados a uma «família» restrita...

Começando pelo fim, o que é tantas vezes do meu agrado, poderíamos desde já dizer que o caso de Humanejos é, também aqui, exemplar: todas as datações são sobre osso humano e referem-se a esqueletos específicos, bem registados graficamente. O arqueiro de Amesbury tem um intervalo de tempo possível de 2380-2290 BCE, a dois sigmas. Em Humanejos, as datações sobre ossos humanos associados a cerâmica dita campaniforme encontram-se quase na mesma gama temporal: um túnel de tempo (excluindo a controversa Sepultura 9) entre

2566 e 2046 ANE, a dois sigmas, parâmetros máximo e mínimo. Das 16 datações para as 9 Sepulturas com cerâmica campaniforme (e se retirarmos também a que se refere à Sepultura 5), todas elas se agrupam na segunda metade do 3º milénio. Isto a um primeiro olhar, básico. Se atendermos a um dos melhores textos já redigidos sobre cronologias campaniformes (o Anexo 7, «*Tiempos*» de campaniforme: *análisis cronométrico de las dataciones radiocarbónicas procedentes de contextos con cerámica campaniforme em el yacimiento de Humanejos*, (por Iñigo de Lágran e Cristina Tejedor-García), as coisas podem ganhar em complexidade.

A questão básica para Portugal (e, no fundo, para a Península), sempre residiu em saber se há uma subdivisão na segunda metade do 3º milénio, a primeira com campaniforme marítimo e a última com cerâmica de tipo Ciempozuelos.

Esta questão é, nesta monografia, logo abordada muito antes do Anexo 7, nas páginas 21 a 25. E irá pairar como um fantasma ao longo de toda ela, mesmo quando parece que não.

Concluindo esta primeira abordagem à cronologia das deposições funerárias com e sem campaniformes, duas questões emergem: em termos genéricos, as 16 datações obtidas para as sepulturas com campaniformes e as 9 obtidas para as sepulturas sem campaniforme partilham um mesmo intervalo de tempo, salvo no caso da sepultura 9, por razões evidentes relacionadas com a sua reutilização.

Dois passagens são, em meu entender, esclarecedoras:

1. «El estudio realizado (véase Anexo 7), no solo sobre las fechas de Humanejos sino manejando otras muchas de la región, permite señalar que con bastante certeza los contextos Maritimos-Puntillados y Ciempozuelos se corresponden con dos fases cronológicas distintas. De hecho los modelos bayesianos con dos fases presentan un índice de concordancia estadística mucho mayor que que los modelos con una fase única.» [p. 25].

2. «...otra de las grandes aportaciones del 14C a la interpretación de las costumbres funerarias de la segunda mitad del III milenio AC em este sector del interior peninsular, há sido el descubrimiento de diversas sepulturas contemporáneas de lo campaniforme , pero sin ajuares o com otros diferentes, desvinculados de este fenómeno. Esto ilustra la existencia de fórmulas funerarias alternativas al mundo campaniforme pero contemporáneas (...).

Um intervalo de tempo é uma coisa distinta

do que contem. Indígenas peninsulares ou mongóis, africanos ou europeus, a origem traduz uma realidade que não é simples. Dentro de duas ou três gerações, os ex migrantes e os seus descendentes serão o quê ? As combinações genéticas que as análises continuarão a registar, mais ou menos «puras», ou as culturas em que os seus antepassados imediatos se integraram ao chegar ?

O caso de Humanejos traduz também, e com mérito, a escolha de uma equipa em leque. O que é, no entanto, verdadeiramente notável nesta monografia nem sequer é precisamente a dimensão do grupo (quatorze autores), mas a qualidade da equipa reunida e o mérito do trabalho produzido. Como no caso do arqueiro de Amesbury. Afinal 28 olhos sempre vêem melhor que dois... Até agora, nenhum outro trabalho com esta dimensão sobre campaniformes tinha sido proposto, salvo encontros episódicos. Nem a nível das sínteses nem a nível de trabalhos de âmbito mais restrito. Salvando-se as exemplares leituras de Corina Liesau (von Lettow-Worbeck) sobre o Camino de las Yeseras, outra situação muito interessante.

Agora, para começar, a estrutura da monografia sobre Humanejos: é a mais simples possível, ainda que, como veremos haja espaço para algumas críticas.

Em quatro pontos (mais um) se estrutura esta monografia. O primeiro tem por objecto o sítio (p. 11-16). O segundo, as sepulturas com campaniformes (p. 19-157). O terceiro, os materiais arqueológicos (p.161-214). O quarto, o contexto das sepulturas com campaniformes (p. 217-235) e recomendo particular atenção para 4.2.: estatuto, ostentação e conflito social no 3º milénio a.n.e. no interior peninsular, tema caro a Rafael Garrido-Pena.

Sublinho desde já, *ab ovo*, o duplo exemplo: arqueologia universitária e arqueologia empresarial, muito raramente colaborantes em Portugal ou França, o Dr. Freud que o explique, associam-se aqui com êxito. Rafael Garrido-Pena (Universidade Autónoma de Madrid), Raúl Flores (arqueólogo profissional) e Ana Mercedes Herrero-Corral (Universidade Complutense de Madrid) *!Mira qué bien !*

O ponto que está presente, sob a forma de «anexos» é desigual, mas, globalmente, muito interessante e justifica referência específica:

1. Antropologia da necrópole campaniforme,

por Ana Mercedes Herrero-Corral (p. 239-273).

2. Reavaliando as lesões do indivíduo 1 (UE 4552), por Manuel Campo Martín, Oscar Cambra-Moo e Armndo González Martín (p. 274-275).

3. Estudio genómico dos individuos de Humanejos, por Iñigo Olalde (p. 277-283).

4. A arqueometalurgia campaniforme de Humanejos, por Inacio Montero Ruiz e Oscar Garcia Vuelta (p. 284-294).

5, Estudo funcional dos artefactos metálicos das sepulturas campaniformes, por Pedro Muñoz Moro, Carmen Gutiérrez Sáez e M^a Cristina Lopéz Rodriguez (p. 295-312).

6. Os «braçais de arqueiro», por Pedro Muñoz Moro (p.313-321).

7. Uma análise cronométrica das datações radiocarbónicas, por Iñigo Garcia-Martínez de Lagrán e Critina Tejedor-Rodriguez (p. 322-333).

Todos estes anexos são importantes, mas, como sempre, uns mais que outros e seja-me permitido sublinhar a excelência do último deles, em que Iñigo de Lagrán e Cristina Tejedor escrevem aquela que é, penso, até hoje, a melhor análise sobre como usar os dados radiocarbónicos em Arqueologia das antigas sociedades camponesas. Não esquecendo que a estatística nem sempre corresponde à vida real, pelo menos quando a amostra é pequena, tiro o chapéu, se o usasse, a esta serena e brilhante busca pela realidade. Qual é ela não sei bem, mas que é preciso procurá-la sempre é um pressuposto e não uma negligente distração.

Uma das vantagens de este livro é manter a chama no pacote, se me permitem a expressão. Sempre pensei que não há um único pacote campaniforme, como repetidas vezes avancei nos meios académicos que não há apenas um único Calcolítico, mas vários. E que há, com elevada probabilidade, mais sítios com campaniformes que sítios campaniformes.

Quanto à cerâmica campaniforme da Sepultura 9, está graficamente dispersa, o que poderia ter sido evitado, mas é uma opção dos autores, e inclui vasos e fragmentos de vaso muito diferentes:

1. Figura 233-3: vaso campaniforme «marítimo»;
2. Figura 235-6: fragmento de vaso campaniforme com métopes abaixo do bordo, faixas com traços verticais e o que parece ser um alinhamento com folhas de acácia curtas;
3. Figura 243-2: caçoila acampanada com faixas

zigzagueantes e outras preenchidas com traços verticais;

4. Figura 247-4: pequeno fragmento com um motivo na parede interna;

5. Figura 252: Taça com pé, decorada com métopes, faixas zigzagueantes e linhas ponteadas.

Para esta Sepultura foram publicadas duas datações muito diferentes (2476-2306 e 2194-1954), sendo o intervalo de tempo mais recente pertencente a uma segunda inumação no espaço funerário, provavelmente sem conexão ao campaniforme. Se a pusermos de parte, a homogeneidade do conjunto é impressionante.

Falando a voo de pássaro, diria que há muitos pés de fora debaixo do lençol. Um deles ? Bem, há vários, o meu preferido sendo o número significativo de perfis claramente «campaniformes» em artefactos não decorados, questão que se regista também em Portugal, sem que tal tenha sido objecto de uma discussão detalhada. O gosto pela forma vem antes ou depois da decoração incisa, impressa ou pontilhada ? Ponto agendado. Formas «campaniformes» lisas foram recolhidas em grutas naturais, artificiais e... antas. E, claro, nas estranhas sepulturas de Humanejos.

Algumas notas finais:

1. graficamente, menção francamente positiva para as ilustrações e, particularmente, os desenhos de cerâmicas, da autoria de Luis Pascual Repiso;

2. as fotografias de campo não são notáveis e a cor sépia que apresentam pode ter algo de retro, mas não é a mais adequada. Na falta da cor, o preto e branco é uma boa forma de documentar um texto assim. Abrindo ao acaso o volume, saiu-me em sorte a p. 77, onde o vermelho da escala da Figura 98 fala por si... Mais atrás, na p. 45, a impressão melhora na primeira imagem, na segunda não dá para ver e na terceira talvez tivesse saído melhor se o fundo tivesse sido recortado. A Fig. 100 é outro exemplo entre muitos outros. Erro a montante ou a jusante ?

3. Na p. 325 do meu exemplar, na Fig. 1, parece haver um erro de impressão que o *designer* deixou passar na revisão. Ou uma sobreposição gráfica da representação dos intervalos de tempo. Ou, quem sabe, uma fuga pós-moderna...

4. Entre outros pequenos erros, sobressai a orientação dos artefactos de pedra polida. A mesma peça, um machado de cobre, é representada em fotografia, com a extremidade distal para cima (Fig. 155, p. 103), o que está bem, mas na p. 95 (Fig. 137),



Fig. 2 - Ser ou não ser «Campaniforme». Detalhe da capa da monografia sobre Humanejos.

com a extremidade distal para baixo...

E se é pena, nada disto impede que felicitemos a *Consejería de Cultura, Turismo y Deportes* da *Comunidad de Madrid* pela qualidade geral da edição: um bom formato (A4), um bom papel e uma impressão nítida. E uma capa muito shakespereana: um crânio pintado com cinábrio, olhando (com desconfiança ?) para um vaso «campaniforme»...

Que mais se poderia pedir, apesar das pequenas falhas que citei ? E, para os que preferem mini-artigos desarticulados, sobre generalidades vagas ou detalhes de reduzidos parâmetros, esta monografia é um exemplo que certamente (não) irão seguir (e, por um lado, ainda bem).

Barranco do Farinheiro, Verão de 2019

* - Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras - UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa). vsg@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-8120-5192>

Referências:

- DELIBES, G.; GUERRA, E. eds (2019) – *Un brindis por el príncipe!, El Vaso campaniforme en el interior de la Península ibérica (2500-2000)*. 2+1 volumes. Madrid: Comunidad Autónoma.
- GARCIA MARTÍNEZ DE LAGRAN, I.; TEJEDOR-RODRIGUEZ, C. (2019) – “Tiempos” de Campaniforme: análisis cronométrico de las dataciones radiocarbónicas provenientes de contextos con cerámica campaniforme em el yacimiento de Humanejos (Parla, Madrid). In Garrido-Pena, R.; Flores Fernández, R.; Herrero-Corral, A. M. (2019) – *Las sepulturas campaniformes de Humanejos (Parla, Madrid)*. Madrid: Comunidad de Madrid, p. 322-333.
- GARRIDO-PENA, R. (1999) – *El Campaniforme en la Meseta: análisis de su contexto social, económico y ritual*. Tese de doutoramento dirigida por Alfredo Jimeno Martínez, Universidade Complutens de Madrid. Facultad de Geografía e Historia.
- GARRIDO-PENA, R. (2000) – *El Campaniforme en la Meseta: análisis de su contexto social, económico y ritual*.

Oxford.: BAR.

GARRIDO-PENA, R.; FLORES FERNÁNDEZ, R.; HERRE-RO-CORRAL, A. M. (2019) – *Las sepulturas campaniformes de Humanejos (Parla, Madrid)*. Madrid: Comunidad de Madrid. 347 p.

GONÇALVES, V. S. (1971) – *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital.

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: UNIARQ. [Coleção estudos e memórias, 10]

GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.; SANTOS, M. (2018) – *A necrópole de grutas artificiais do Casal do Pardo. (Quinta Do Anjo, Palmela). 3200-2000 anos antes da nossa era. Um guia curto e alguns comentários. The rock-cut tombs of Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela). 3200-2000 years before common era. A short guide and some notes*. Palmela: Câmara Municipal. 68 p.

LIESAU, C. (2016) – La “Cabana E” del yacimiento de Camino de las Yeseras. Nuevos datos sobre el espacio

doméstico en un poblado de hoyos. *CuPAUAM, Cuadernos de Prehistoria de la Universidad Autónoma de Madrid*. P. 73-105.

LECKIE, A. (2019) – *The Raven Tower*. New York: Orbit.

LIESAU, C. (2017) – Campaniforme y Ciempozuelos en la Región de Madrid. In GONÇALVES; V. S. (ed.) - *Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: UNIARQ. [Coleção estudos e memórias, 10], p. 302-323.

BLASCO, C.; LIESAU, C.; RIOS, P. (2019) – El registro funerario campaniforme de la Región de Madrid reflejo de una sociedad plural y compleja. In DELIBES, G.; GUERRA, E. - *¡Un brindis por el príncipe! El vaso Campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a. C)*. vol. 1. p. 247-278.

SOARES, J.; SILVA, C. T. (1974-1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série 3, 7/9, p. 102-112.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CÉSAR NEVES</i> - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
<i>SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ</i> - <i>ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ</i> - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
<i>JOÃO PIMENTA</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
<i>GIL VILARINHO</i> - <i>A terra sigillata</i> do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA</i> - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
<i>FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS</i> - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
<i>CATARINA FELÍCIO</i> - <i>FILIPE SOUSA</i> - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
<i>TÂNIA MANUEL CASIMIRO</i> - <i>SARAH NEWSTEAD</i> - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
<i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>LÍDIA FERNANDES</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - <i>SUSANA DUARTE</i> - <i>ANTÓNIA COELHO-SOARES</i> - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

